

TESTAGEM E ENFRENTAMENTO DA SÍFILIS EM CONTEXTOS DE MOBILIDADE: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA BR-101 EM EUNÁPOLIS/BA

TESTING AND RESPONSE TO SYPHILIS IN MOBILITY CONTEXTS: EXPERIENCE REPORT ON THE BR-101 HIGHWAY IN EUNÁPOLIS, BRAZIL

Elines Santos Rocha Novais¹

Flaelma Almeida da Silva²

Olívia Ferraz Pereira Marinho³

Igor Dala Bernardina⁴

Resumo: sífilis configura-se como uma Infecção Sexualmente Transmissível (IST) de alta prevalência no Brasil, com crescimento expressivo nos últimos anos, especialmente em grupos socialmente vulneráveis. Trabalhadores itinerantes, como caminhoneiros e profissionais em trânsito pela BR-101, apresentam riscos ampliados de exposição devido à mobilidade constante, dificuldade de acesso regular aos serviços de saúde e práticas sexuais desprotegidas. Diante desse cenário, o presente estudo tem como objetivo relatar a experiência extensionista de testagem e ações educativas em saúde voltadas ao enfrentamento da sífilis em contextos de mobilidade, realizadas no município de Eunápolis/BA. A intervenção foi conduzida no período de agosto a dezembro de 2024, em parceria com a Polícia Rodoviária Federal (PRF) e o Serviço de Assistência Especializada e Centro de

1 Mestre em Enfermagem, Professora CETSC na Faculdade Pitágoras de Medicina de Eunápolis.

2 Mestre em Educação, Professora CETSC na Faculdade Pitágoras de Medicina de Eunápolis.

3 Mestre em Saúde Coletiva, Professora CETSC na Faculdade Pitágoras de Medicina de Eunápolis.

4 Discente do Curso de Medicina na Faculdade Pitágoras de Medicina de Eunápolis.



Testagem e Aconselhamento (SAE/CTA), abrangendo 32 participantes, majoritariamente homens, pardos e em idade produtiva. Os testes rápidos foram realizados exclusivamente pelos profissionais habilitados do SAE/CTA, no exercício de suas atribuições institucionais. Os discentes do projeto não realizaram procedimentos clínicos, sendo sua participação restrita à observação supervisionada e à análise de dados anonimizados, previamente autorizados pela equipe técnica parceira. Este relato de experiência respeita integralmente os princípios éticos estabelecidos pela Resolução CNS nº 510/2016, por não envolver intervenção direta nem coleta de dados identificáveis, estando isento de submissão obrigatória ao Comitê de Ética em Pesquisa. Nenhum dos participantes apresentou resultado reagente para sífilis, embora um tenha relatado histórico recente de tratamento da doença. Apesar da ausência de casos confirmados, o estudo evidenciou exposição significativa a fatores de risco relacionados à transmissão de IST's, como múltiplas parcerias sexuais e não utilização de preservativos. Destacase, ainda, a elevada aceitação da testagem rápida, a baixa percepção de risco e o potencial das ações extensionistas como ferramentas efetivas de promoção da saúde sexual em contextos de mobilidade e vulnerabilidades sociais.

Palavras-chave: Sífilis. Testagem rápida. Saúde do trabalhador. População itinerante. Extensão universitária.

Abstract: Syphilis is a sexually transmitted infection (STI) with a high prevalence in Brazil, showing a significant increase in recent years, especially among socially vulnerable groups. Itinerant workers, such as truck drivers and mobile professionals along the BR-101 highway, are at increased risk of exposure due to constant mobility, limited access to regular healthcare services, and unprotected sexual practices. In this context, the present study aims to report the extension-based experience of testing and educational health actions aimed at confronting syphilis in mobile settings, conducted in the municipality of Eunápolis, Bahia. The intervention took place from August to December 2024, in partnership with the Federal Highway Police (PRF) and the Specialized Care Service and



Testing and Counseling Center (SAE/CTA), involving 32 participants, mostly men, of mixed race and in productive age. Rapid tests were performed exclusively by qualified SAE/CTA professionals as part of their institutional duties. The students involved in the extension project did not conduct any clinical procedures; their role was limited to supervised observation and analysis of anonymized data previously authorized by the partner technical team. This experience report complies fully with the ethical principles established by Resolution CNS No. 510/2016, as it did not involve direct intervention or identifiable data collection, and is therefore exempt from mandatory submission to a Research Ethics Committee. No participants tested positive for syphilis, although one reported having recently undergone treatment for the disease. Despite the absence of confirmed cases, the study revealed significant exposure to risk factors related to STI transmission, such as multiple sexual partners and lack of condom use. The findings also highlight the high acceptance of rapid testing, the low perception of risk among users, and the effectiveness of extension activities as strategies for promoting sexual health in contexts marked by mobility and social vulnerabilities.

Keywords: Syphilis. Rapid testing. Workers' health. Itinerant population. University extension.

Introdução

A sífilis é uma infecção sexualmente transmissível (IST) causada pela bactéria *Treponema pallidum*, de evolução sistêmica e potencialmente grave quando não tratada. Apesar da existência de tratamento eficaz com penicilina desde a década de 1940, a doença persiste como um problema de saúde pública global e nacional, com impactos significativos na morbimortalidade de populações vulneráveis (Avelleira e Bottino, 2006).

No Brasil, o cenário epidemiológico é preocupante. Entre janeiro e junho de 2022, foram notificados mais de 122 mil casos da doença, sendo a maioria de sífilis adquirida, mas com expressivos números também entre gestantes e recém-nascidos, revelando falhas na atenção básica e na vigilância



em saúde (Brasil, 2023). Esses dados demonstram a persistência da transmissão vertical e o desafio de interromper a cadeia de contágio em territórios marcados pela desigualdade social.

O agravamento da epidemia de sífilis no país expõe desigualdades estruturais no acesso à prevenção, ao diagnóstico e ao tratamento. Ramos (2022) alerta que as populações mais atingidas são, historicamente, as mais vulnerabilizadas: mulheres jovens, negras, pessoas em situação de rua e populações com baixa escolaridade e renda. Silva et al. (2022), por sua vez, identificaram, em estudo longitudinal no Sul do Brasil, que as populações-chave apresentam alta prevalência de sífilis e coinfeções com outras IST's, em especial entre homens jovens e trabalhadores informais.

Nesse contexto, destacam-se os trabalhadores em situação de mobilidade, como caminhoneiros, que exercem sua atividade em deslocamentos constantes por longas distâncias, frequentemente em condições de trabalho precárias. Estudos como o de Masson e Monteiro (2010) apontam que esses profissionais enfrentam múltiplos fatores de risco para a infecção por IST's, entre eles a dificuldade de acesso a serviços de saúde, a ausência de vínculos com equipes da atenção básica, o consumo de substâncias psicoativas e o envolvimento em relações sexuais desprotegidas.

Além disso, ações voltadas para a testagem e o enfrentamento da sífilis em populações itinerantes ainda são pontuais e, muitas vezes, limitadas a campanhas de curta duração. Dutra et al. (2014) chamam atenção para a importância de integrar a abordagem da saúde mental e do comportamento sexual nos programas de rastreamento e prevenção de IST's, especialmente em grupos com reduzida percepção de risco e baixa busca ativa por serviços de saúde.

O uso de estratégias intersetoriais e territoriais para alcançar populações em trânsito tem demonstrado resultados promissores. Fonte et al. (2025) relatam a efetividade de ações educativas e de testagem rápida em pessoas em situação de rua, reforçando que intervenções móveis e articuladas com políticas públicas locais ampliam o acesso ao cuidado e favorecem a redução da vulnerabilidade. Nesse sentido, a atuação da universidade, por meio da extensão, se configura como um instrumento potente de promoção da saúde, ao articular educação, serviço e comunidade em ações concretas.

Diante desse panorama, este estudo tem como objetivo geral relatar uma experiência



extensionista voltada à prevenção e enfrentamento da sífilis em trabalhadores itinerantes que circulam pela BR-101, no município de Eunápolis, Bahia. A proposta insere-se no campo da educação em saúde e da vigilância participativa, visando contribuir para o debate sobre estratégias de cuidado voltadas a populações de difícil acesso, além de reforçar o papel formativo da extensão universitária como promotora da equidade em saúde.

Metodologia

A metodologia deste estudo foi delineada como uma pesquisa descritiva, de natureza básica e abordagem quanti-qualitativa, desenvolvida sob a forma de relato de experiência extensionista. A proposta teve como finalidade compartilhar as estratégias de enfrentamento da sífilis adotadas em contexto de mobilidade humana, particularmente entre caminhoneiros e passageiros que trafegam na BR-101, no município de Eunápolis, Bahia, destacando o papel da universidade na promoção da saúde sexual e prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (IST's).

O estudo foi realizado no período de agosto a dezembro de 2024, a partir de ações promovidas por um projeto de extensão vinculado ao curso de Medicina, desenvolvido em parceria com a Polícia Rodoviária Federal (PRF) e com o Serviço de Assistência Especializada e Centro de Testagem e Aconselhamento (SAE/CTA) do município de Eunápolis. O local da intervenção foi o posto da PRF localizado no Km 720 da BR-101, ponto estratégico de fluxo intenso de transporte de cargas e de deslocamento interestadual.

A atividade extensionista teve como público-alvo indivíduos em situação de mobilidade, incluindo caminhoneiros, motoristas de longa distância e passageiros. Foi adotada a amostragem por conveniência, considerando a adesão voluntária dos participantes. Todos os sujeitos foram previamente informados sobre os objetivos do estudo e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A pesquisa garantiu o anonimato, a confidencialidade das informações e a não exposição dos dados sensíveis, em consonância com os preceitos da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional



de Saúde.

A coleta de dados ocorreu em um único dia, com estrutura adaptada para garantir privacidade, sigilo e segurança, incluindo espaço reservado para o aconselhamento e para a realização dos testes rápidos. A intervenção ocorreu em três eixos complementares: (1) aplicação de questionário estruturado, (2) testagem rápida para sífilis, HIV e hepatites B e C e (3) ações educativas em saúde sexual e prevenção de ISTs. O questionário investigou variáveis sociodemográficas, histórico de ISTs, comportamentos de risco e acesso aos serviços de saúde.

Os testes rápidos foram realizados exclusivamente por profissionais do SAE/CTA, capacitados e autorizados para esta função. Os acadêmicos do projeto não participaram da coleta de material biológico, limitando-se à observação técnica, registro e análise dos dados sociodemográficos e de resposta ao questionário. O fluxo de atendimento seguiu o protocolo de aconselhamento pré e pós-teste adotado pelo Ministério da Saúde, assegurando escuta qualificada, esclarecimento sobre a sorologia e encaminhamentos, quando necessário.

Por fim, os dados obtidos a partir dos questionários foram organizados em planilhas eletrônicas, com tratamento estatístico descritivo, utilizando frequências absolutas e relativas para caracterização da população-alvo. A análise visou compreender o perfil de vulnerabilidade dos participantes e subsidiar futuras intervenções educativas e assistenciais voltadas a este grupo.

Análise e Discussão dos Resultados

A literatura científica nacional tem contribuído significativamente para o entendimento da sífilis como uma questão persistente de saúde pública, especialmente em contextos de vulnerabilidade social e mobilidade. Avelleira e Bottino (2006) destacam os desafios relacionados ao diagnóstico e tratamento da doença, mesmo diante da existência de terapias eficazes há décadas. Ramos (2022) aprofunda essa análise ao associar a permanência da sífilis à fragilidade estrutural do Sistema Único de Saúde (SUS), à desigualdade social e à negligência nas políticas públicas. Masson e Monteiro



(2010), por sua vez, alertam para o risco aumentado entre caminhoneiros, enfatizando fatores como o uso de substâncias psicoativas e o envolvimento em relações sexuais desprotegidas. Já Silva et al. (2022) identificam alta prevalência de IST's entre populações-chave do sul do Brasil, indicando que o enfrentamento eficaz depende de estratégias que integrem prevenção, testagem e educação em saúde. Os estudos de Fonte et al. (2025) e Pires et al. (2023) reforçam o papel das ações extensionistas em territórios de difícil acesso como ferramenta central para ampliar cobertura diagnóstica e cuidado. Dessa forma, o presente estudo fundamenta-se em uma base teórica robusta que permite interpretar criticamente os dados levantados na BR-101, em Eunápolis.

Durante a realização da ação, foram atendidos 32 participantes (100%) (Tabela 1.), sendo a maioria homens (96,8%), pardos (46,9%) e com idade entre 25 e 34 anos (37,5%), todos em situação de mobilidade no momento da abordagem. Estes dados corroboram os achados de Masson e Monteiro (2010), que identificaram o predomínio de homens em idade produtiva entre os caminhoneiros abordados em ações de prevenção a IST's. A prevalência de homens em contextos de mobilidade rodoviária reflete o perfil de gênero historicamente associado ao setor de transporte de carga no Brasil e justifica a atenção prioritária a essa população em ações de rastreio e educação em saúde.

Tabela 1. Distribuição de atendimentos no projeto de ação para testagem e intervenção no controle da sífilis segundo variáveis sociodemográficas

Sexo	n (%)
Masculino	31 (96,8%)
Feminino	01 (3,2%)
Faixa etária	
18-24 anos	01 (3,1%)
25-34 anos	12 (37,5%)
35-44 anos	11 (34,3%)
45-54 anos	01 (3,1%)
55-64 anos	06 (18,7%)
65 ou mais	01 (3,1%)
Raça/Cor	



Branco	09 (28,1%)
Negro	08 (25%)
Pardo	15 (46,9%)
Escolaridade	
Ensino fundamental incompleto	08 (25%)
Ensino fundamental completo	06 (18,7%)
Ensino médio incompleto	02 (6,2%)
Ensino médio completo	14 (43,7%)
Ensino superior incompleto	01 (3,1%)
Ensino superior completo	01(3,1%)
Estado Civil	
Casados	19 (59,3%)
Solteiros	13 (40,6%)
Renda Mensal	
< 1 salário-mínimo	10 (31,2%)
1 a 2 salários-mínimos	09 (28,1%)
2 a 5 salários-mínimos	09(28,1%)
5 a 10 salários-mínimos	02 (6,2%)
Mais de 10 salários-mínimos	02 (6,2%)
Profissão	
Caminhoneiro/carreteiro	19 (59,3)
Técnico de Eletrotécnica	02 (6,2%)
Operador de máquina	02 (6,2%)
Vendedor	01 (3,1%)
Empresário	01 (3,1%)
Eletricista	02 (6,2%)
Auxiliar de produção	01 (3,1%)
Autônomo	01 (3,1%)
Serralheiro	01 (3,1%)
Auxiliar de Logística	02 (6,2%)
Total	32 (100%)

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

O comportamento sexual dos participantes indicou exposição significativa a fatores de risco para IST's. Apenas 34,3% afirmaram utilizar preservativo em todas as relações sexuais, enquanto



65,7% relataram uso irregular ou ausência completa do método de proteção. Esses dados confirmam os achados de Alessi e Alves (2015), segundo os quais caminhoneiros brasileiros apresentam comportamentos sexuais de risco associados à vulnerabilidade social, distância da família, solidão nas estradas e limitada oferta de informação sobre saúde sexual no cotidiano de trabalho..

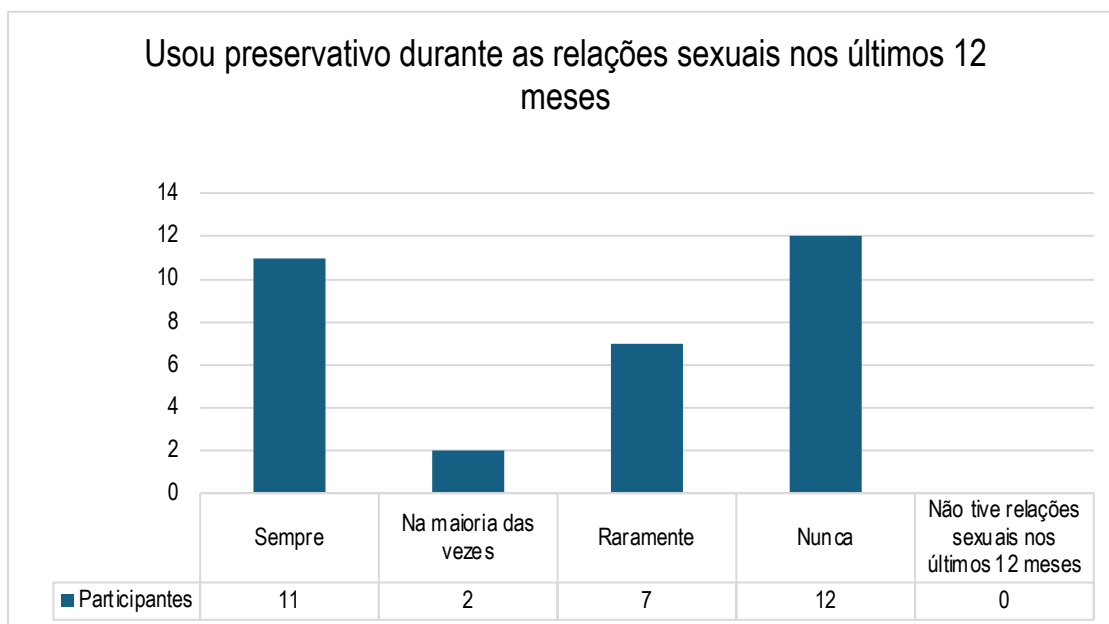
Tabela 2. Distribuição de atendimentos no projeto de ação para testagem e intervenção no controle da sífilis segundo variáveis de risco para aquisição da IST (comportamento nos últimos 12 meses)

Parceiro sexual	n (%)
1-3 parceiros sexuais	26 (71,8%)
4-6 parceiros sexuais	03 (9,3%)
Não teve parceiro	03 (9,3%)
Uso de preservativo nas relações sexuais	
Sempre	11 (34,3%)
Na maioria das vezes	02 (6,4%)
Raramente	07 (21,8%)
Nunca	12 (37,5%)
Prática sexual (homem)	
Sexo apenas com mulheres	29 (90,6%)
Sexo apenas com homens	01 (3,2%)
Sexo com homens e mulheres	0
Não teve relações sexuais	1 (3,2%)
Resultado do teste Sífilis e outras ISTs	
Reagente	32 (100%)
Não reagente	0
Já fez tratamento para sífilis	01 (3,2%)
Total	32 (100%)

Fonte: Dados da pesquisa (2024)



Gráfico 1 - Usou preservativo durante as relações sexuais nos últimos 12 meses



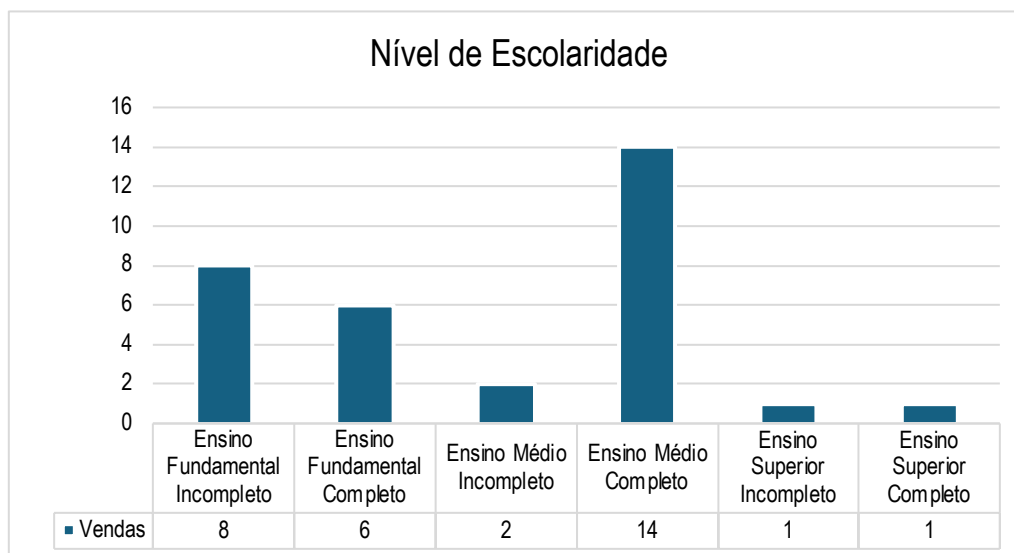
Fonte: Dados da pesquisa de Campo, 2024

Além disso, 21,9% dos participantes afirmaram já ter feito uso de drogas ilícitas, o que aumenta ainda mais a exposição a práticas sexuais desprotegidas, conforme alerta Masson e Monteiro (2010). A associação entre o uso de substâncias psicoativas e a negligência com medidas de proteção nas relações sexuais é um fator amplamente reconhecido na literatura como determinante da vulnerabilidade à sífilis e outras IST's, sobretudo entre trabalhadores em constante deslocamento.

A análise sociodemográfica também evidenciou que 14 (43,7%) dos participantes possuíam ensino médio completo, enquanto apenas 2 (6,2%) declararam ter cursado o ensino superior (completo ou incompleto) (Gráfico 2). Este dado reforça o argumento de Ramos (2022) sobre a associação entre níveis educacionais mais baixos e maior exposição a agravos evitáveis, como as infecções sexualmente transmissíveis. A limitação do acesso à informação qualificada, aliada à precariedade nos serviços de saúde preventiva ao longo das rodovias, contribui para a invisibilidade da sífilis nesse grupo populacional, o que reforça a relevância de intervenções educativas como estratégia de enfrentamento.



Gráfico 2 – Nível de Escolaridade dos participantes da pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa de Campo, 2024.

No que tange ao comportamento sexual, 59,4% dos participantes relataram manter relações sexuais com pessoas fora do relacionamento conjugal. Esse dado merece atenção, considerando que, conforme apontado por Masson e Monteiro (2010), a vulnerabilidade de caminhoneiros às IST's está fortemente relacionada à vivência de múltiplas parcerias sexuais em contextos de baixa proteção, além da ausência de vínculos duradouros durante os deslocamentos. Os autores destacam que esses comportamentos são muitas vezes agravados pela solidão, rotina exaustiva e ausência de políticas públicas direcionadas à saúde do trabalhador itinerante.

Um dado que chama atenção no estudo é que nenhum dos participantes testou positivo para sífilis, embora um indivíduo tenha declarado já ter realizado tratamento prévio (Tabela 2). A ausência de resultados positivos pode estar relacionada a diversos fatores, como baixa prevalência pontual, testagem recente ou fatores amostrais. No entanto, a vulnerabilidade comportamental expressa nos dados indica que esse grupo permanece em risco elevado, o que justifica a continuidade das ações



de testagem e educação em saúde. Segundo Silva et al. (2022), mesmo em grupos com baixa taxa de positividade em determinados recortes temporais, a persistência das práticas de risco sustenta a importância de políticas de rastreamento periódico.

As ações educativas realizadas durante a campanha incluíram rodas de conversa, distribuição de preservativos e orientações sobre sintomas, prevenção e tratamento da sífilis. Essa estratégia dialoga com a experiência descrita por Fonte et al. (2025), que relataram a eficácia das atividades de educação em saúde combinadas à testagem rápida como instrumento de enfrentamento da sífilis em populações de alta vulnerabilidade social. No contexto da BR-101, a abordagem educativa demonstrou ser bem recebida pelos participantes, evidenciando o potencial das intervenções itinerantes na construção de vínculos com uma população historicamente afastada dos serviços de saúde.

Por fim, a integração entre universidade, SAE/CTA e Polícia Rodoviária Federal foi um dos principais fatores para o êxito da ação. Esse modelo de articulação interinstitucional, além de ampliar o alcance territorial, fortalece a noção de cuidado compartilhado e de saúde como responsabilidade coletiva. Como destaca Ramos (2022), o enfrentamento da sífilis exige não apenas ações clínicas, mas também articulações estruturadas entre diferentes setores, com ênfase na promoção da equidade e no acesso ampliado à saúde sexual e reprodutiva.

Adicionalmente, observou-se que muitos participantes relataram desconhecer os sintomas da sífilis e expressaram dúvidas quanto ao modo de transmissão. A baixa literacia em saúde sexual constitui uma barreira relevante para a prevenção e o tratamento oportuno. Dutra, Campos e Guimarães (2014) ressaltam que o desconhecimento das formas de transmissão, sintomas e complicações das IST's está diretamente associado à maior vulnerabilidade entre indivíduos expostos a condições sociais precárias ou em contextos de mobilidade. Neste estudo, tal desconhecimento foi parcialmente sanado pelas ações educativas, embora permaneça como um desafio para ações futuras de acompanhamento.

No que diz respeito à percepção de risco, parte significativa dos entrevistados não se reconhecia como vulnerável à infecção por ISTs. Esse comportamento, amplamente documentado na literatura, foi analisado por Masson e Monteiro (2010), que observaram entre caminhoneiros uma



tendência à negação da própria exposição, mesmo diante de práticas sexuais desprotegidas e múltiplos parceiros. Tal percepção distorcida do risco compromete a efetividade de campanhas de prevenção, tornando imprescindível que as estratégias educativas sejam culturalmente adaptadas, contínuas e sensíveis ao cotidiano dessa população.

A execução da campanha em uma estrutura montada nas imediações da BR-101, com o apoio logístico da Polícia Rodoviária Federal, representou um diferencial no acesso dos trabalhadores em trânsito. A ação proporcionou um ambiente sigiloso, acolhedor e estrategicamente localizado, favorecendo a adesão espontânea à testagem e ao aconselhamento. A experiência reforça o que foi documentado por Fonte et al. (2025), ao relatarem que o êxito das ações voltadas a populações vulneráveis depende da criação de condições materiais e simbólicas que estimulem o cuidado em saúde como um direito e não como uma obrigação.

A testagem rápida, nesse contexto, mostrou-se não apenas como um instrumento diagnóstico, mas como estratégia de educação em saúde. Ao participar do aconselhamento pré e pós-teste, os caminhoneiros foram incentivados a refletir sobre seus hábitos, modos de vida e relações interpessoais. Essa dimensão subjetiva do cuidado é ressaltada por Ramos (2022), ao afirmar que o enfrentamento da sífilis não deve se restringir a intervenções biomédicas, mas considerar também os determinantes sociais e os vínculos entre profissional de saúde e população.

A atividade extensionista permitiu também identificar lacunas na atenção à saúde sexual e reprodutiva no território, como a inexistência de materiais educativos adaptados à linguagem dos caminhoneiros, a escassez de preservativos distribuídos ao longo da rodovia e a ausência de serviços itinerantes regulares voltados à saúde do homem. Esses dados dialogam com o apontado por Dutra, Campos e Guimarães (2014), que ressaltam a necessidade de intervenções intersetoriais, com maior articulação entre segurança pública, saúde e educação, para enfrentar de forma eficaz a propagação das ISTs entre grupos historicamente invisibilizados.

Outro dado relevante diz respeito ao histórico progresso de IST's. Ainda que os testes rápidos não tenham revelado casos ativos de sífilis, um participante relatou ter sido diagnosticado



e tratado anteriormente. Essa experiência aponta para a importância da testagem recorrente e do acompanhamento longitudinal dos usuários, visto que a reinfecção é possível em casos de não adoção de medidas preventivas contínuas. Segundo Avelleira e Bottino (2006), a sífilis, mesmo após tratamento eficaz, exige vigilância contínua, uma vez que a cura clínica não implica imunidade permanente.

A falta de regularidade no acompanhamento médico entre os participantes também foi destacada nos dados coletados. Muitos relataram procurar os serviços de saúde apenas em situações emergenciais, o que dificulta o diagnóstico precoce e o tratamento oportuno de infecções sexualmente transmissíveis. Essa conduta está associada à lógica do trabalho itinerante, que impõe jornadas exaustivas e ausência de vínculo com equipes de saúde. Fonte et al. (2025) alertam que esse afastamento do cuidado sistemático contribui para a subnotificação de casos e perpetuação da cadeia de transmissão, especialmente entre pessoas em situação de rua ou de deslocamento constante.

No que se refere ao contexto psicossocial, alguns participantes relataram sentimentos de medo e insegurança em relação ao diagnóstico, demonstrando a existência de barreiras subjetivas ao cuidado. Esse aspecto é abordado por Fonte et al. (2025), que identificaram, entre pessoas em situação de vulnerabilidade, a necessidade de acolhimento qualificado, livre de julgamentos, como condição para adesão ao diagnóstico e ao tratamento. No presente estudo, a presença de acadêmicos bem orientados e de profissionais experientes contribuiu para minimizar esse receio, promovendo um ambiente de escuta e confiança.

Outro achado importante foi a adesão espontânea à palestra final, que abordou temas como saúde sexual, uso de preservativos, reinfecção e tratamento das ISTs. A atividade foi bem avaliada pelos participantes e demonstra o potencial de estratégias educativas em saúde quando articuladas com testagem e aconselhamento. A experiência reforça a tese de Ramos (2022) de que o enfrentamento da sífilis requer ações integradas e contínuas, com enfoque territorializado e sensível às especificidades dos grupos sociais.

A abordagem itinerante utilizada nesta ação extensionista permitiu alcançar uma população frequentemente invisibilizada nas estratégias tradicionais de saúde pública. A atuação em pontos



estratégicos da BR-101, em parceria com a PRF e o SAE/CTA, proporcionou um espaço de cuidado acessível e não institucionalizado. Essa experiência confirma o que defendem Fonte et al. (2025), ao destacarem que intervenções em territórios vulneráveis devem considerar a mobilidade e a descontinuidade de vínculos com os serviços de saúde como fatores estruturantes da vulnerabilidade social.

Além disso, os dados coletados sugerem que, mesmo diante de um cenário de baixa detecção da sífilis no momento da testagem, os participantes apresentavam múltiplos fatores de risco cumulativos, como baixa escolaridade, rotinas laborais extensas e ausência de vínculo regular com unidades de saúde. Masson e Monteiro (2010) alertam que tais características tornam os caminhoneiros mais suscetíveis não apenas à infecção por ISTs, mas também à negligência institucional, dada a dificuldade de inserção dessa população nas redes formais de cuidado.

É importante destacar que o projeto contribuiu diretamente para a formação de estudantes de medicina na prática extensionista, ao desenvolver competências relacionais, comunicativas e epidemiológicas. Conforme aponta Ramos (2022), o fortalecimento do SUS depende da formação de profissionais sensíveis às desigualdades e preparados para atuar em territórios marcados por exclusões e invisibilidades. A experiência aqui relatada demonstrou a importância de articular ensino, pesquisa e extensão como estratégia para qualificar a formação médica e o cuidado em saúde.

Por fim, os resultados da intervenção reforçam a necessidade de políticas públicas que reconheçam as especificidades das populações em contexto de mobilidade. Avelleira e Bottino (2006) já alertavam que o sucesso do controle da sífilis depende não apenas da disponibilidade de tratamento, mas da capacidade de identificar precocemente os casos e romper os ciclos de transmissão. A realização de ações itinerantes, com oferta de testagem, educação em saúde e articulação intersetorial, constitui um caminho promissor para enfrentar esse desafio em territórios como o do sul da Bahia.

Portanto, a análise dos dados obtidos na ação realizada na BR-101 reforça o entendimento de que o enfrentamento à sífilis requer não apenas testagem e tratamento, mas ações estruturadas de promoção à saúde, educação permanente, e escuta qualificada, especialmente com públicos



historicamente negligenciados pelo sistema de saúde. Essa constatação reafirma a relevância do SUS como ferramenta de inclusão e justiça social, conforme defendido por Ramos (2022), sendo essencial que se fortaleça sua presença nos territórios de mobilidade como condição para o cuidado integral em saúde.

REFERÊNCIAS

AVELLEIRA, J. C. R.; BOTTINO, G. Sífilis: diagnóstico, tratamento e controle. *Anais Brasileiros de Dermatologia*, Rio de Janeiro, v. 81, n. 2, p. 111–126, mar. 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/j/abd/a/tSqK6nzB8v5zJjSQcfWSkPL?utm_source. Acesso em: 20 mai. 2025.

CIDACS – Centro de Integração de Dados e Conhecimentos para Saúde. Estudo revela desigualdades étnico-raciais nos casos de sífilis materna e congênita no Brasil. CIDACS/Fiocruz Bahia, 2023. Disponível em: <https://cidacs.bahia.fiocruz.br/2023/10/20/estudo-revela-desigualdades-etnico-raciais-nos-casos-de-sifilis-materna-e-congenita-no-brasil/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

DE MORAIS, T. R. et al. Interseccionalidades em saúde: predomínio de sífilis gestacional em mulheres negras e pardas no Brasil. *Revista de Psicologia*, Salvador, v. 13, n. 45, p. 670–679, 2019. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/1772>. Acesso em: 20 jun. 2025.

DUTRA, M. R. T.; CAMPOS, L. N.; GUIMARÃES, M. D. C. Doenças sexualmente transmissíveis em pacientes psiquiátricos no Brasil. *Revista Brasileira de Infectologia*, Salvador, v. 18, n. 1, p. 13–20, jan. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/bjid/a/mMjFBydJYmfYGnVvKK6BhSx/?lang=en&utm_source. Acesso em: 23 jun. 2025.

FERREIRA, A. M. Ações estratégicas para prevenção e controle da sífilis em gestantes na Atenção Primária à Saúde no período de 2015 a 2019: uma revisão de escopo. 2023. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local) – Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória – EMESCAM, Vitória, 2023. Disponível em: <https://emescam.br/wp-content/uploads/2024/03/DISSERTACAO-FINAL-ALINNE-MIRANDA-FERREIRA.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2025.



FONTE, V. R. F. et al. Enfrentamento da sífilis em pessoas vivendo em situação de rua: relato de experiência. *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 49, n. 144, e9237, 2025. Disponível em: https://www.scielo.org/article/sdeb/2025.v49n144/e9237/?utm_source. Acesso em: 20 jun. 2025.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional de Saúde: 2019: percepção do estado de saúde, estilos de vida, doenças crônicas e saúde bucal. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101748.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2025.

MACÊDO, V. C. et al. Fatores de risco para sífilis em mulheres: estudo de caso-controle. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 51, p. 78, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/S1518-8787.2017051007066>. Acesso em: 20 jun. 2025.

MASSON, V. A.; MONTEIRO, M. I. Vulnerabilidade à doenças sexualmente transmissíveis/ AIDS e uso de drogas psicoativas por caminhoneiros. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 63, n. 1, p. 79–83, jan. 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/j/reben/a/DQFkGvSBrfDn7x4PPMgP9cs/?lang=pt&utm_source. Acesso em: 13 jun. 2025.

PAIXÃO, E. S. et al. Sífilis materna e congênita atribuível a desigualdades etnoraciais: um estudo longitudinal nacional de vinculação de registros de 15 milhões de nascimentos no Brasil. *The Lancet Global Health*, Londres, v. 11, n. 11, p. e1734–e1742, nov. 2023. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2214109X23004059>. Acesso em: 20 jun. 2025.

RAMOS, A. N. Persistência da sífilis como desafio para a saúde pública no Brasil: o caminho é fortalecer o SUS, em defesa da democracia e da vida. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 38, n. 5, PT069022, 2022. Disponível em: https://www.scielo.org/article/csp/2022.v38n5/PT069022/?utm_source. Acesso em: 20 jun. 2025.

RBAC – Revista Brasileira de Análises Clínicas. Coinfecção entre HIV e sífilis: principais complicações clínicas e interferências no diagnóstico laboratorial. *Revista Brasileira de Análises Clínicas*, São Paulo, v. 53, n. 1, p. 15–20, 2021. Disponível em: https://www.rbac.org.br/wp-content/uploads/2021/08/RBAC-vol-53-1-2021_pdf-completo.pdf. Acesso em: 20 jun. 2025.

SILVA, B. G. da et al. HIV, sífilis, hepatites B e C em populações-chave: resultados de um estudo transversal de 10 anos, Sul do Brasil. *einstein (São Paulo)*, São Paulo, v. 20, eAO6934, 2022. Disponível



em: https://www.scielo.br/j/eins/a/SKcbCTCvxFKFMRCqtX4DpTk/?utm_source. Acesso em: 20 jun. 2025.

